

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

Título

A pesquisa em educação: considerações fundamentais para o pesquisador

Autores

Michel Luís da Cruz Ramos Leandro

Ano de publicação

2020

Referência

LEANDRO, Michel Luís da Cruz Ramos. A pesquisa em educação: considerações fundamentais para o pesquisador. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, 2020.

A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS PARA O PESQUISADOR

RESEARCH IN EDUCATION: FUNDAMENTAL CONSIDERATIONS FOR THE RESEARCHER

Michel Luíz da Cruz Ramos Leandro*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar preceitos básicos para o pesquisador, em especial, para aqueles voltados à pesquisa em educação, para isso, foi realizada uma tentativa de correlacionar diferentes perspectivas do fazer científico por meio de diversos pesquisadores renomados na área da metodologia da pesquisa em educação. Sabe-se que a pesquisa científica do campo educacional se beneficia de múltiplas e diferentes perspectivas teórico-metodológicas para a produção de conhecimento, isso significa que as referências adotadas para a compreensão dos fenômenos educativos – os seus objetivos e intenções, seus processos, resultados e conclusões – carregam metodologias e referenciais teóricos que validam um fazer científico que deve se pautar em responsabilidade e ética, deste modo, ocupar a posição de sujeito-pesquisador é, antes de tudo, uma atitude política e isso implica algumas considerações essenciais que todo pesquisador precisa levar em consideração, a saber, 1. A ciência não é neutra; 2. A ciência nunca chega a uma verdade absoluta; 3. Nenhum pesquisador supri a totalidade de um determinado campo de saber; 4. O discurso científico é uma voz de autoridade social, portanto, há uma força política nas mãos do pesquisador e 5. Todo pesquisador precisa estar aberto a outros campos de pesquisa e saber.

Palavras-chave: Pesquisa. Ciência. Educação.

Abstract: This article aims to present basic precepts for the researcher, especially for those focused on research in education, for this, an attempt was made to correlate different perspectives of scientific practice through

* Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto de Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: michel.luis@baraodemaua.br

several renowned researchers in the area of research methodology in education. It is known that scientific research in the educational field benefits from multiple and different theoretical and methodological perspectives for the production of knowledge, this means that the references adopted for the understanding of educational phenomena - their objectives and intentions, their processes, results and conclusions - carry methodologies and theoretical references that validate a scientific practice that should be based on responsibility and ethics, thus, occupying the position of subject-researcher is, above all, a political attitude and this implies some essential considerations that every researcher needs take into account, namely, 1. Science is not neutral; 2. Science never reaches an absolute truth; 3. No researcher supplies the entire field of knowledge; 4. Scientific discourse is a voice of social authority, therefore, there is a political force in the hands of the researcher and 5. Every researcher needs to be open to other fields of research and knowledge.

Keywords: Research. Science. Education.

INTRODUÇÃO

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 1987, p. 78).

Este texto procura trazer uma discussão a respeito da pesquisa em educação, em especial, no que tange a questão da qualidade, isto é, o que faz uma pesquisa ser considerada de qualidade? Que pressupostos o pesquisador deve ficar atento ao realizar a sua pesquisa? Para isso, compreende-se a pesquisa educacional como campo de produção do conhecimento científico; seja qualitativa ou quantitativa, que deve comprometer-se com o seu papel social e isso começa pela perspectiva teórica-metodológica adotada pelo pesquisador, bem como o seu projeto de pesquisa, deste modo, é importante pensar nas estratégias, procedimentos e técnicas de investigação a qual todo trabalho acadêmico deve ser prezar, levando em conta algumas considerações fundamentais em que esse texto se propõe a apresentar quando se trata do trabalho do pesquisador.

O PESQUISADOR E SUA PESQUISA: UMA TRAJETÓRIA DE RIGOR E “intuição”

Todo pesquisador precisa refletir o trajeto da sua pesquisa. Para isso, é importante que algumas implicações sobre o que é pesquisa, como se pesquisa, para que se pesquisa sejam levadas em consideração pelo pesquisador. *A primeira delas é compreender que a ciência não é neutra.* Ela é fruto de todo um processo sócio-histórico-ideológico, trata-se de um campo de descobertas, mas também de tensões, porque fazer ciência envolve questões políticas. Por isso, quando uma pessoa decide ocupar esse lugar (o de pesquisador) precisa ter construído uma pergunta que consiga dar conta de refletir a própria área de saber da qual pesquisa. Neste caso, uma pesquisa em educação precisa que o pesquisador contribua com o seu trabalho para fazer pensar, refletir e buscar soluções para o campo em que direciona seus interesses.

Um modo de compreender a questão da não neutralidade da ciência pode ser enxergado no artigo de Gatti (2004), que discute a pesquisa quantitativa, em que há uma tendência em enxergar esse tipo de metodologia como imparcial, justificado no imaginário de que os números são neutros. A autora relata a dificuldade dos educadores em lidar com dados demográficos e medidas em geral, isso porque a pesquisa em educação quantitativa tende a ser pouco utilizada pelos pesquisadores que, muitas vezes, não conseguem ler criticamente os dados numéricos, o que revela dois comportamentos: 1. Ou acreditam piamente nos dados; 2. Ou rejeitam qualquer dado traduzido em números por questões ideológicas.

Para que esses comportamentos sejam ultrapassados, segundo a autora, é preciso considerar dois aspectos quando se pensa em pesquisa quantitativa: o primeiro, que os “números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance” (GATTI, 2004, p. 13); o segundo, que uma análise de qualidade depende de uma boa pergunta o que está

ligado “a qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações” (GATTI, 2004, p. 13).

A análise dos dados numéricos na pesquisa quantitativa não é neutra, ou seja, nenhum número é neutro de interpretação, visto que o significado dos resultados é dado por alguém, neste caso, pelo pesquisador em função do seu referencial teórico. Por fim, a autora ainda comenta que tanto a abordagem quantitativa, quanto à qualitativa, podem se combinar para enriquecer a busca de compreensão de algum evento, fato, processo, demandando do pesquisador um esforço de reflexão em relação ao material levantado e analisado seja em qualquer das abordagens escolhida.

Em relação às pesquisas qualitativas podemos afirmar que a não neutralidade começa pelo referencial teórico escolhido pelo pesquisador, que sustentará toda a sua trajetória e pesquisa. É, inclusive, por meio dos pressupostos teóricos que esse pesquisador trabalha que ele será afirmado e/ou confrontado quando a sua pesquisa passar a circular na sociedade. O assumir de uma determinada âncora teórica é um ato político.

A segunda consideração que o pesquisador deve levar em conta é que a ciência nunca chega à verdade, isso indica que uma pesquisa de qualidade não é aquela que responde a “tudo”, mas a que provoca outras (e novas) questões a partir da contribuição dos estudos engendrados em uma pesquisa, afinal, é comum ao longo da trajetória do pesquisador defrontar com perguntas que estavam adormecidas, ou que, por causa das condições de produção do seu trabalho, vieram à tona. Nenhum pesquisador revela a verdade com a sua pesquisa, mas, contribui (ou não) para o avanço da humanidade. Isso também equivale dizer que nenhum pesquisador faz a pesquisa da “sua vida”, ou seja, como um fim, visto que o ato de pesquisar está no lugar do *continuum*.

Todo pesquisador começa a sua pesquisa a partir de algum lugar, ou seja, nenhuma pesquisa começa do vazio, pois há uma produção que veio

antes e que é preciso ser considerada, seja para concordar; ou para refutar. Nesse sentido, uma pesquisada inovadora é aquela que, considerando o processo histórico, formula questões que ainda não foram levantadas pela ciência ou que ficaram de lado, e só chega a isso aquele que conhece o que já foi dito antes sobre determinado assunto.

Um modo de compreender a consideração histórica do conhecimento é quando um pesquisador decide trabalhar com entrevistas e embasa o seu trabalho científico no método etnográfico. Para que o trabalho deste pesquisador seja profícuo é indispensável que ele adote uma perspectiva metodológica, afinal, fazer perguntas para alguém sem direcionamento não indica fazer ciência, visto que há uma história da ciência dos que vieram antes que contribuíram enquanto referências teóricas consolidadas do que fazer e também do que não fazer enquanto pesquisador. Nessa direção, é importante que o pesquisador conheça as características de cada abordagem metodológica para saber qual das estratégias atendem aos objetivos de sua investigação e que ajudará a responder as perguntas levantadas em sua pesquisa.

No caso do método etnográfico citado, o professor Romanelli (1998) oferece uma exposição sobre a aplicabilidade da entrevista ancorada na Antropologia, em foco, a partir das categorias de troca e alteridade. Esse método tem ganhado muita atenção nas últimas décadas, utilizado por pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Humanas e Biológicas, entre os quais a Educação. O autor descreve as características do método etnográfico discutindo as condições de realização de entrevistas no campo do diálogo, que é estabelecido entre o antropólogo e os participantes da pesquisa. Uma das pautas é o conhecimento de técnicas de coletas de dados e a observação participante em que "antes de mais nada, o trabalho de campo deve ser orientado e guiado pelo olhar antropológico, que se funda no estranhamento e no conhecimento teórico" (ROMANELLI, 1998, p. 123), pressuposto metodológico que segundo DaMatta (1981), consiste em

realizar o processo de estranhar aquilo que é familiar. Como se observa, o ato de entrevistar alguém não significa fazer perguntas sem um direcionamento, mas, em como elaborar um “projeto” de entrevista, pois, corre-se o risco de não obter aquilo que se procura ou de encontrar o que já era sabido.

Ainda sobre a entrevista é preciso compreender que não se trata de dominar uma técnica, mas, que deve estar ancorada numa perspectiva teórica que visa um fim, conforme procuramos evidenciar, deste modo, ela não é definida a priori. A entrevista é um processo que se constrói aos poucos e deve estar atrelada ao que o pesquisador precisa saber por meio de um processo reflexivo. É preciso ter acuidade por parte do pesquisador que precisa direcionar o foco da sua pesquisa. O lugar onde a entrevista irá ocorrer importa, assim como a linguagem e a vestimenta. Há sempre algo que pode escapar do domínio do pesquisador no momento da entrevista, por isso, é preciso assumir uma postura flexível, entretanto, sempre atenta e reflexiva.

Nessa discussão sobre a metodologia adotada, André (2001) procura analisar criticamente as mudanças ocorridas no âmbito da educação e, principalmente, no que diz respeito à pesquisa. Um dos pontos que autora levanta é a questão do tempo curto que o pesquisador possui para fazer a sua pesquisa, ela alega que esse tempo é muito pouco e insuficiente para a realização de uma boa pesquisa. O planejamento do pesquisador em relação ao tempo da sua pesquisa é algo fundamental para que se atinja um trabalho de qualidade. É por isso que muitos projetos de pesquisa no momento em que acontece passam por diversas mudanças tendo o tempo como uma das causas. Esse “afunilamento” em relação aos objetivos e seus alcances no momento da pesquisa têm a sua razão: *nenhum pesquisador consegue suprir a totalidade de um determinado conhecimento, deste modo, eis aqui a terceira consideração que todo pesquisador deve atentar-*

se, pois, na ânsia do desejo de abordar muitas questões em seu trabalho, corre-se o risco de não dar conta e até mesmo de afastar do objetivo inicial.

A autora também argumenta sobre a valorização da prática sobre a teoria nas pesquisas em educação em que, muitos pesquisadores, não se dedicam a pesquisa teórica tanto quanto deveriam. E essa é a parte imprescindível para se tenha um resultado de qualidade. De acordo com a pesquisadora, de um lado temos o pragmatismo imediatista (GATTI, 2000) em que há uma tendência a um “recorte excessivamente limitado” que deixa de lado as perguntas de fundo mais amplo justificado no discurso da utilidade/utilitarismo social. Por outro, temos a questão da formação do professor/reflexivo (MIRANDA, 2000) em que há uma “supervalorização da prática e um certo desprezo da teoria” (ANDRÉ, 2001, p. 57). Para avançar essa questão, segundo a autora, é preciso:

(...) que comecemos a explicitar os critérios seguidos para avaliar, por exemplo, os projetos enviados pelos pesquisadores ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes – à Fundação de Amparo à Pesquisa – Fapesp – e os aspectos levados em conta ao julgar os trabalhos dos pós-graduandos nas bancas de dissertações e teses (ANDRÉ, 2001, p. 58).

Dentre os critérios gerais que a autora (ANDRÉ, 2001) destaca são: a relevância científica e social do trabalho que deve estar embasado teoricamente contribuindo para o avanço daquele campo; os objetivos devem estar bem definidos; a metodologia adequada aos objetivos e os procedimentos metodológicos descritos e justificados; a análise deve ser densa e evidenciar o avanço do conhecimento na temática estudada apresentando o que o estudo acrescentou ao que já havia sobre a produção científica pesquisada.

O pesquisador em educação precisa ter alinhado os seus objetivos e as suas justificativas ancoradas em um referencial teórico que o sustente, visto que a pobreza teórico-metodológica apresentada por Mazzotti (2011) é um

grande problema apontado nas pesquisas em educação. Haja vista que nenhum pesquisador sabe tudo, todavia, deve no mínimo conhecer/dominar o referencial teórico com que trabalha.

Uma das questões apresentadas pela autora Mazzotti (2001) refere-se à impressão que se tem que o conhecimento sobre determinado problema começa e termina com aquele pesquisador, isto é, não se tem uma discussão mais ampla sobre o tema focalizado e isso provoca um isolamento em relação às produções dos pesquisadores, já que muitas dessas pesquisas tendem a circular apenas naquele grupo em que o pesquisador faz parte. A autora enfatiza que não se trata de uma "revisão bibliográfica", mas, da transferibilidade do conhecimento, deste modo, também não adianta o pesquisador que sabe muito sobre o seu referencial teórico, mas que se "fecha" as outras teorias.

Outra problemática está ligada a crescente valorização da prática e da subjetividade que parece confundir o "dar" voz aos sujeitos-pesquisados com limitar-se a reproduzir os seus discursos, sem identificar possíveis regularidades, as condições de produção, um instrumental analítico capaz de organizar e dar sentido aos dados, deste modo:

A aplicabilidade dos conhecimentos na área da educação depende do desenvolvimento de teorias próprias, da seleção adequada de procedimentos e instrumentos, da análise interpretativa dos dados, de sua organização em padrões significativos, da comunicação precisa dos resultados e conclusões e da sua validação pela análise crítica da comunidade científica. (MAZZOTTI, 2001, p. 48).

Toda essa discussão feita até aqui nos remete ao texto de Martins (2004) quando ela discute a metodologia qualitativa que consiste no que ela chama de heterodoxia no momento de análise dos dados. De acordo com a autora a pesquisa qualitativa levanta questões éticas e depende, sobretudo, da competência teórica e metodológica do pesquisador, em que "o rigor vem, então, da solidez dos laços estabelecidos entre nossas interpretações teóricas e nossos dados empíricos" (LAPERRIÈRE, 1997, p. 375). Um trabalho que se realiza com o uso da intuição, da imaginação e da

experiência. Para ela, hoje é importante a produção de conhecimento que não seja apenas útil, mas que seja orientado por um “projeto ético visando à solidariedade, a harmonia e a criatividade”, deste modo, o pesquisador ao escrever seu trabalho científico deve preocupar-se para que a sua pesquisa alcance “o outro de que dele necessita”.

A autora (MARTINS, 2004) ao discorrer sobre as questões éticas do pesquisador levanta a questão sobre a proximidade que o pesquisador estabelece com os pesquisados, o que indica uma relação social e política. *Nesse sentido, temos a quarta consideração que o pesquisador deve ter: a consciência que em suas mãos há uma força política da qual nem sempre se atenta, já que o “(...) o saber científico é “o” conhecimento a partir do qual todos os outros são articulados, entendidos e explicados”* (MARTINS, 2004, p. 296). Isso indica que não cabe ao cientista uma postura de militante de uma causa ou movimento, visto que isso é uma expressão da ideologia e não da ciência, assim, “(...) o papel dos cientistas deve ser, portanto, o de fornecer um conhecimento que ajude o outro a se fortalecer como sujeito autônomo capaz de elaborar seu próprio projeto político” (MARTINS, 2004, p. 296).

A atitude empreendida pela autora (MARTINS, 2004) sobre a ética do pesquisador não defende a neutralidade da ciência, se não, correríamos o risco da contradição, mas, ajuda entendermos que o pesquisador, além de ter de produzir um conhecimento que seja útil, precisa estar orientado por um projeto ético, por exemplo, as pesquisas que se colocam ao lado dos movimentos sociais exigem um compromisso do pesquisador que não é o de usar a pesquisa para militância, mas, o de ser capaz de:

(...) desenvolver hábitos de ação permitindo confrontar a realidade, de maneira a garantir ganhos no sentido intersubjetivo, em criatividade, em solidariedade e de capacidade de ouvir todos aqueles que sofrem. O argumento é de que o desejo de objetividade deve ceder lugar ao desejo de solidariedade.

Ou dito de outra maneira, se no momento do nascimento das ciências sociais no século XIX a maior preocupação era, conforme o modelo das ciências naturais, neutralizar o mais possível os interesses políticos e éticos do analista, para atingir mais facilmente a realidade objetiva ou a verdade, o que esses autores preconizam é que hoje o mais importante é produzir um conhecimento além de útil, explicitamente orientado por um projeto ético visando a solidariedade, a harmonia e a criatividade. (MARTINS, 2004, p. 298).

Um modo de enxergarmos a atitude de um pesquisador que pauta sua pesquisa atrelado a um projeto de ética é a coletânea de reflexões e diálogos de Paulo Freire (2005) na obra *Pedagogia da tolerância*, organizado por Ana Maria Araújo Freire, em que percebemos um cientista que está atento e preocupado com as questões sociais.

Freire define a tolerância argumentando que: “falo da tolerância como virtude da convivência humana. Falo, por isso mesmo, da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior” (FREIRE, 2005, p. 24). Temos uma compreensão de tolerância que supera o senso comum (ser tolerante é ser superior) e se funda num âmbito prático-epistemológico em que ser tolerante é reconhecer o diferente na outra pessoa, ainda mais, aprender com o diferente e isso pressupõe o estabelecimento de relações democráticas, dialógicas e de alteridade.

O primeiro capítulo do livro de Freire (2005) debate sobre a colonização e a educação indígena. O texto está dividido em três partes e evidencia a posição do educador em relação à alfabetização dos povos indígenas e a violência sofrida pela tomada das terras invadidas pelos colonizadores. O autor começa discutindo as relações de poder entre “espoliadores e espoliados”, em que o dominador invade culturalmente o dominado na busca de poder, por exemplo, o domínio de poder pela língua, em que a dos colonizadores brancos tornou-se a legítima desconsiderando as dos indígenas e dos negros africanos escravizados, o que pode ser interpretado como uma barbárie.

Ao longo da arguição Freire (2005, p. 38) ao argumentar sobre o que ele chama de “manha do oprimido”, para justificar o comportamento dos opressores frente ao opressor, o educador diz que é preciso “(...) molhar o corpo da gente nas águas culturais do oprimido (...)”, em que a linguagem tem o papel importante de emancipação, por exemplo, quando ainda se utiliza o discurso “descobrimento do Brasil”, e não em conquista/exploração do Brasil. É aqui que Freire se apoia para mostrar que não há neutralidade na ciência, na tecnologia e defende a educação como um ato político salientando que “(...) não é o discurso que valida a prática, é a prática que dá vida ao discurso” (FREIRE, 2005, p.41).

Como podemos notar, Freire trata da questão indígena em prol do respeito à cultura desses povos, apoiado em uma visão dialógica em que, não basta conhecer somente a cultura do outro ou a de si mesmo, mas, compreender a relação entre as culturas suscitando reflexões teóricas que abarcam a sua pedagogia. Há um tom militante em seu texto, se consideramos como um posicionamento político frente a um referencial teórico, pois, Freire ultrapassa julgamentos apoiados em valores meramente pessoais ao ganhar verniz das suas ideias sustentadas em uma base científica atrelada a um projeto de ética.

A quinta e última consideração que esse texto propõe a discutir é sobre o cuidado que o pesquisador deve ter de se fechar no “mundo” do seu referencial teórico e passar a ter uma postura ativa em relação a outras pesquisas. Isso é perceptível quando nos eventos científicos o diálogo entre os pesquisadores perde o centro e a “briga de egos” toma o espaço. O que não significa que possa haver divergências entre ideias, todavia, desqualificar por meio da insensatez – e não da argumentação – a pesquisa do outro é uma postura, no mínimo, antiética.

Para essa discussão, o conceito de bricolagem científica, termo oriundo do francês e que tem sido discutida recentemente, permite refletir as pesquisas na área de educação enquanto uma metodologia de maior

abertura, que funciona como uma alternativa criativa de pesquisa. A bricolagem questiona a ciência enquanto campo fechado, intransponível e restritivo e ajuda a enxergarmos o "(...) emaranhado de conhecimentos e significados produzidos na história da humanidade" (RODRIGUES; THERRIEN; FALCÃO; GRANGEIRO, 2016, p. 969). Ela pode ser vista como uma epistemologia pós-moderna de fazer pesquisa em que temos "à capacidade de empregar abordagens de pesquisa e construtos teóricos múltiplos, é o caminho em direção a uma nova forma de rigor em pesquisa" (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 10). Temos uma abertura maior para o diálogo entre os diferentes campos do saber por meio da multirreferencialidade, sustentada na pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, em suma:

Por sua vez, sob o ângulo da multirreferencialidade, o objeto de pesquisa é abordado em suas interconexões com a realidade nas mais distintas dimensões, o que implica ir além da ciência tradicional, permitindo-se desconstituir e readequar métodos. Na inteligência de Macedo (1998, p. 64), "a multirreferencialidade não se encaixa em nenhum tipo de colonialismo cientificista". Deveras, a perspectiva multirreferencial sustenta-se na reflexão crítica do conhecimento, ajudando a percebê-lo como inseparável da dinâmica social, política, econômica e cultural. Nessa perspectiva, o importante é pensar nas formas de relacionar o sujeito e o objeto do conhecimento, de modo que também apareça a visão de mundo do pesquisador, em toda a sua epistemologia, gnosiologia e ontologia. (RODRIGUES; THERRIEN; FALCÃO; GRANGEIRO, 2016, p. 972).

O termo bricolagem em Lévi-Strauss (1976) indica um método de seleção e síntese de componentes de uma cultura (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 607) em que, no campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) define "como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno" (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 607) ampliando ao dizer que é uma forma de fazer ciência considerando os diversos olhares existentes sobre a sociedade atual. Deste modo, nenhum método é melhor do que outro e a lógica dominante de fazer pesquisa alteram-se, em que a subjetividade e o posicionamento político não são

descartados, visto que o objetivo é chegar a polissêmicas interpretações. O rigor nesse tipo de pesquisa está ligado à consciência da diversidade de posições estudadas/pesquisadas, o que indica selecionar métodos, estratégias e referenciais teóricos que assegurem a qualidade. Um exemplo de bricolagem é o trabalho do antropólogo Derrida (1971) com o seu pressuposto desconstrucionista.

CONCLUSÕES

Esse texto procurou fazer uma discussão acerca da pesquisa, em especial, na área da educação, apontando cinco considerações/pressupostos que o pesquisador deve ter em relação ao seu papel.

A primeira é compreender que a ciência não é neutra e isso fica notório quando o pesquisador assume um referencial teórico que, por sua vez, representa uma escolha política.

A segunda consideração é que a ciência nunca chega a uma verdade absoluta, se não, para que serviria a função do pesquisador e seu campo de pesquisa ainda hoje?

Isso mostra que toda pesquisa parte de algo, o que nos leva a pensar a terceira consideração em que nenhum pesquisador supri a totalidade de um determinado conhecimento, visto que isso está no plano da própria impossibilidade humana.

A quarta consideração, arrisco dizer a mais importante, evidencia o papel social importante do pesquisador que precisa ter consciência que em suas mãos há uma força política, visto que o discurso científico é uma voz de autoridade social, portanto, pode estar a serviço da transformação social.

Por fim, a quinta e última consideração, assim como faz a quarta, alerta o pesquisador em relação ao próprio ato de pesquisar compreendendo que ele é mais um sujeito contribuinte para o avanço da ciência, deste modo, fechar-se em seu “mundo” científico desconsiderando

de maneira insensata outros campos de pesquisa e pesquisadores indica uma postura antiética e, se não egoísta, que não deve existir na academia. Todas essas considerações nos permitem concluir a complexidade da função social e trabalho do pesquisador, bem como a sua relevância para o avanço da sociedade, por isso há de se afirmar mais uma vez: fazer pesquisa é um ato político.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, 2001.

AZANHA. José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992.

BRITO, Angela Xavier de; LEONARDOS, Ana Cristina. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, 2001.

DA MATA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DEMO, Pedro. Qualidade e representatividade de pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 55, 1985.

DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 229-249.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.10, p. 58-78, 1999.

GATTI, Bernardete. A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações sócio-político-educacionais: uma perspectiva da contemporaneidade. Campinas, 2000. In: **Anais da III Conferência de Pesquisa Sociocultural**, Campinas, 2000.

GATTI, Bernardete. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2004.

GATTI, Bernardete. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, 2001.

KINCHELOE, Joe L. Para além do reducionismo: diferença, criticalidade e multilogicidade na bricolage e no pós-formalismo. In: PARASKEVA, João (Org.). **Currículo e multiculturalismo**. Trad. Helena Raposo e Manuel Alberto Vieira Mangualde. Portugal: Edições Pedagogo, 2006. p. 63-93.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Caderno de Pesquisa**, n. 113, 2001.

MIRANDA, Marília G. Ensino e pesquisa na formação dos professores: o debate contemporâneo sobre a relação teoria e prática. Goiânia, 2000. In: **IX Semana da Faculdade de Educação da UFG**, Goiânia, ago. 2000.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, 2012.

RODRIGUES, Cicera Sineide Dsantas; THERRIEN, Jacques.; FALCÃO, Giovana Maria Belém; GRANGEIRO, Manuela Fonseca. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 162, p. 966-982, 2016.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade, in ROMANELLI, Geraldo; BISOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Diálogos metodológicos sobre a prática da pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

WARDE, Mirian. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 73, p. 67-75, 1990.